



Tríplice ananke pesa sobre nós, o ananke dos dogmas, o ananke das leis, o ananke das coisas. (...) A estas três fatalidades que envolvem o homem, junta-se a fatalidade

J... era um jornalista em crescente ascensão profissional quando sofreu um sério acidente de carro. Vinte e oito anos, casado, dois filhos pequenos, dedicava-se também a estudar, por diletantismo, atividades paranormais como radiestesia e psicocinese, participando de palestras e conferências em círculo restrito. Foi numa pequena viagem até Campinas que aconteceu o acidente, (Justamente quando cruzava o trópico de Capricórnio! observou alguém do grupo, sem maiores explicações). Fraturas na coluna cervical imobilizaram-lhe os movimentos e a fala. Dali em diante foram dias a fio na cama, depois em cadeira de rodas, tendo a mulher como auxiliar permanente.

Com atenção, denodo, amor, a jovem esposa deixou de lado suas atividades profissionais para se dedicar inteiramente ao inválido. Mas tudo no mundo cansa, e ela, depois de dois anos naquele trabalho monótono, de perguntas sem respostas, choro às escondidas, também cansou. Perguntava-se, cada vez mais amiúde, se não teria direito de viver o que lhe sobrara da juventude, sem estar presa também àquela cadeira de rodas.

O marido percebia a angústia da mulher e, por sua vez, angustiava-se pela impossibilidade de manifestar seus sentimentos, o que o levava quase ao pânico, por reconhecer-se dependente para sempre do auxílio de outrem. Começou a perceber o cansaço da mulher quando ela esquecia-se dele ao sol mais do que o tempo necessário; ou quando, a meio caminho do quarto ou da sala, largava-o no corredor defronte à parede vazia. Sua alegria interior era quando os filhos chegavam da escola. O maior, de onze anos, dizia "Oi, pai. Tudo bem?", beijava-lhe a face e saía para o quintal para jogar bola com os amigos. O outro, de sete anos, invariavelmente ficava mais tempo; passeava com ele pela casa, mostrando-lhe a rua através da janela, a televisão ligada, os brinquedos que fazia. Geralmente, era com esse filho que passava o resto da tarde, depois do almoço, na saleta de estudo, onde o via brincar e fazer os deveres escolares.

Dentre os brinquedos que se espalhavam pela sala, havia um que particularmente gostava quando o filho o tomava; era um jogo de

pequenas pedras com letras, usado para formar palavras cruzadas. O menino usava-o para compor os nomes das figuras que trazia no caderno; letra a letra montava as palavras, copiava-as em seguida no caderno em baixo da figura, e depois saía à procura da mãe para conferi-las. Terminado o trabalho, as pequenas pedras ficavam espalhadas no chão, até quando alguém as recolhesse na caixa ou as deixasse soltas em cima da mesa.

Foi numa tarde dessas, o filho havia saído em busca da mãe para mostrar-lhe a tarefa pronta, que J... ficou só, na sala, os olhos fixos nas pedras e nas palavras montadas pelo filho. Viu então que o menino havia esquecido o "h" da palavra hotel. Procurou com os olhos aquela pedra, achando-a no meio de tantas outras. Fixou-a, concentrou-se nela, e fê-la, lentamente, movimentar-se até próximo à palavra. O quanto aquilo demorou, impossível dizer, o fato é que o esforço pareceu esgotar-lhe as forças e quase desfaleceu. Ouviu, longe, muito longe, a voz da mulher falar ao filho: "Hotel, escreve-se com h. Já esqueceu como é o h?" Entraram na sala, e ela continuou: "Olha, está aqui o h". Depois, voltou-se para o marido: "Está cansado? Venha me fazer companhia na cozinha, enquanto preparo a salada para o jantar". E levou-o para lá.

Desde aquele dia, J... passou a experimentar a ansiedade de estar todos os dias na saleta, junto ao jogo de palavras cruzadas. Ali estava a oportunidade de pôr em prática o que havia aprendido na literatura de psicocinese. Quando via as pedras, concentrava-se numa letra e tentava movê-la. Não era fácil. Por muitos e muitos dias não conseguiu repetir a primeira experiência. Veio um fim de semana e a arrumação da sala levou o jogo à estante onde ficou esquecido. Por outro lado, a alfabetização do filho evoluía e ele não tinha mais necessidade das mesmas tarefas.

Mentalmente J... brincava com as pedras guardadas dentro da caixa e imaginava montar palavras e até frases. Mesmo quando não estava na sala, fixava-se nas pequenas pedras e escrevia, dentro da caixa, mensagens que ninguém lia. Acostumado aos jogos, sabia que para vencer dependia da habilidade do parceiro, onde até o blefe valeria.

Numa tarde, o filho estava deitado no chão, recortando figuras de uma revista. Ele falava muito, contando-lhe o que ia fazer com os recortes e o que se passava na escola. J... não o ouvia. Fixou os olhos na caixa de palavras cruzadas que estava numa prateleira da estante e fê-la cair, espalhando as pedras pelo chão. O filho assustou-se, olhou para cima, mas não deu maior importância, empurrando para o lado as pedras que estorvavam sua atividade.

J... concentrou-se nas pedras, e lentamente, quase imperceptivelmente, foi agrupando uma frase na frente do filho: Te amo. O garoto só percebeu quando viu a pedrinha do "o" correr para o fim da segunda palavra. Olhou e leu:

Te amo! olhou ao pai e perguntou cheio de espanto Foi você quem fez isso?

O pai não podia responder; nem ao menos balançar a

cabeça. Mas o filho viu em seus olhos a confirmação. Levantou-se, gritando, e saiu à procura da mãe.

Mamãe, vem ver uma coisa!

Trouxe-a pela mão até à sala e mostrou-lhe a frase no chão.

Oh, meu filho, eu também te amo! Você é um amor, mas depois arruma todas essas pedras, por favor.

Deu-lhe um beijo apertado e voltou a seus afazeres, não lhe dando tempo para explicações. O garoto encarou o pai, olhando-o nos olhos e perguntou:

Foi você mesmo quem fez aquilo?

O pai olhou-o profundamente, depois desviou os olhos para as pedras, onde escreveu: "Foi." O menino alegrou-se, riu e pôs-se a se divertir, trocando perguntas e respostas simples. Não alcançava a importância daquela descoberta; para ele era apenas um jogo no qual o pai mostrava habilidade em mover pedras sem as mãos.

Pelo seu lado, a mulher não percebia o que estava se passando e aborrecia-se por encontrar o jogo espalhado pelo chão, principalmente quando as pedras impediam o movimento da cadeira de rodas. Recolhia as peças na caixa e a colocava de volta à prateleira. Levava-o para outro cômodo, seguindo a rotina que havia se imposto desde o princípio: deixá-lo ao sol, dar-lhe água ou suco, alimentá-lo, levá-lo ao banheiro, etc. A rotina e a obrigação, muitas vezes incômoda, já eliminavam o carinho dos primeiros meses, tornando-se mecânico, impessoal. Via o marido definhar, alimentando-se cada vez menos, sentindo-lhe a angústia de não poder se comunicar. Desesperava-se em vê-lo horas seguidas com o olhar perdido num ponto qualquer da sala, e adivinhava-lhe a angústia de comparar-se a um dos vasos de samambaias que ela cuidava, aguava e trocava de lugar todos os dias para tomar luz ou evitar o sol.

Olhava-se no espelho e acreditava-se ainda bonita, desejada, e ainda cheia de desejos. Sentia medo, vexame, remorso por aqueles pensamentos, mas os desejos sempre suplantam os escrúpulos, por isso acreditou que tinha direito à vida, mais que ficar presa à cadeira de um inválido apenas por piedade ou solidariedade.

Um dia, o garoto levou o irmão mais velho à sala de brinquedos. Tirou da estante o jogo de palavras cruzadas e espalhou as pedras no chão.

Olha isto disse ao irmão. Levantou-se, olhou nos olhos do pai e perguntou: Pai, quer ir lá para o quintal?

Esperou algum tempo, depois mostrou ao irmão a resposta nas pedrinhas: "Não".

Quê brincadeira é esta! espantou-se o irmão.

Não é brincadeira. É ele quem escreve com as pedras.

Duvido. Ninguém pode fazer isso.

Experimente. Pergunte alguma coisa a ele.

Aproximou-se do pai e perguntou:

Como é meu nome?

Voltou-se a tempo de ver as pedrinhas correrem, lentas, para formarem seu nome.

É um truque! Só pode ser um truque. Quem você pensa que é para brincar dessa maneira com ele? disse, indignado.

Não é um truque! É ele quem faz.

Você já mostrou isso à mamãe?

Já, mas ela não entendeu.

Nem poderia... Do jeito que ela anda, desesperada, não vai entender mesmo. Acho bom você deixar isso de lado. Arrastou o irmão para fora da sala. Pode ser que seja você mesmo que faz aquelas pedras mexerem. Papai não teria capacidade disso, ele é um vegetal, entende? A gente não sabe nem se ele pensa. Foi o que mamãe me falou outro dia. Ela anda muito angustiada, tem conversado com muita gente para resolver esse problema...

Enquanto os dois meninos conversavam no corredor, J... tentava escrever uma mensagem definitiva que conseguisse satisfazer aos filhos. O esforço esgotou-o; nenhuma pedra se movia. Tentou concentrar-se, mas os pensamentos se embaralhavam, e o desespero tomou-lhe conta da mente. O que conseguiu foi fazer todas as caixas de jogos despencarem das prateleiras, espalhando-se no chão num amontoado de pedras, cartões, fichas, cartelas... O barulho fez os meninos correrem à sala e atraiu também a mãe que, ao ver aquilo, entrou em pânico.

Oh, meu Deus! Meu Deus! Não agüento mais!

J... estava com a cabeça tombada, a boca semi-aberta, os olhos esbugalhados.

Como vocês podem fazer uma coisa dessas? Saiam daqui!

Mas, mãe...

Vão embora. Peguem as bicicletas e vão para a casa da vovó. Deixem-me!

As crianças saíram aturdidas. A mulher desesperava-se, chorando, andando de um lado para outro, percorrendo a casa por todos os cômodos. Voltou à saleta. A cada tentativa de fazer a cadeira de rodas mover-se, o marido arregalava os olhos em desespero; tentava fazê-la entender que desejava ficar ali. Ela empurrou jogos e caixas com os pés, desatravancando o caminho, e sem perceber e nem poderia! destruiu a mensagem que ele escrevia: "Espere, amor...".

Conduziu a cadeira de rodas até ao quarto e ao ver a feição descomposta do marido, imaginou que o fim tinha chegado e cumpria a ela abreviar aquele sofrimento. Apanhou um arma, apontou-a ao coração do marido e matou-o com um tiro.



Getúlio Alho - Pela Editora Marco Zero, publicou a novela "Anhuera". Tem contos publicados em vários periódicos e antologias. É arquiteto, aposentado pela UFSCar, e atualmente Diretor do Teatro Municipal de São Carlos.